

## Línguas orientais num manuscrito português do século XVI

O manuscrito existente na Biblioteca Municipal do Porto com a cota 475 possui certamente valor que justifica ser aqui apresentado e descrito. É o que vamos fazer, limitando-nos praticamente a indicar, de forma genérica, o seu conteúdo e a analisar alguns pontos de maior importância para se poder apreciar criticamente.

Tem 239 fólios de papel, numerados a lápis, havendo entre-tanto tres fólios que mantêm simultaneamente um outro número a tinta: fól. 154 (a tinta, 155) 164 (a tinta, 176), 200 (a tinta, 201). Nós seguimos a numeração a lápis. Os três primeiros, ao princípio, ficaram sem qualquer numeração. Cada fólio contém 27 linhas, traçadas a tinta de um e de outro lado, e mede aproximadamente 335 × 220 milímetros e a «justificação» (parte escrita) 280 × 125. As capas de madeira coberta a pele tiveram ferragens que desapareceram, mas pode considerar-se muito bom o estado geral de conservação do códice.

Pela sua leitura, somos informados da procedência: Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; e da data: século XVI.

### *Conteúdo*

- Fol. 1v-4v — Textos (em latim, grego e hebraico) de carácter elogioso a Manuel do Campo
- Fol. 5-35v — Texto etíope (Evangelho de S. João)
- Fol. 36-36v — Anotações de género histórico sobre a Etiópia e suas relações com Portugal
- Fol. 37-54 — Texto etíope (Apocalipse de S. João)

- Fol. 54v-55v — em branco
- Fol. 56-56v — Texto etíope (do Cântico de Moisés, Ex. 15)
- Fol. 57-60v — Rudimentos de gramática etíope
- Fol. 61-61v — em branco
- Fol. 62-64 — Texto etíope (do Cântico dos Cânticos)
- Fol. 64v-80 — em branco
- Fol. 80v-85v — Textos em latim, grego, hebraico, siríaco e árabe (composições livres)
- Fol. 86-133v — em branco
- Fol. 154-158 — Considerações sobre os nomes dos meses em hebraico (a propósito do livro de Ester)
- Fol. 158v-160v — Noções rudimentares de gramática siríaca
- Fol. 161-163v — em branco
- Fol. 164-200 — Gramática árabe
- Fol. 200v-224 — em branco
- Fol. 224v-239v — Texto árabe

#### *Autor ou autores?*

Alguém escreveu na parte externa, sobre os fólhos, no sentido da largura e na parte inferior do volume, este título: «Opera Emmanuelis do Campo». No primeiro fólho não numerado, lê-se também esta informação: «Collecção de varios escritos em differentes linguas orientaes cujos authores são Manoel do Campo e fr. Pedro Conego Regr.te deste Mosteiro de S. Cruz e author de huma arte de Arabe que vem no fim do Livro» (sic).

De facto não foi apenas uma pessoa que escreveu este grosso volume, mas temos de constatar que, retirando ligeiras coisas, como são certas notas informativas posteriores, o que fica deve-se a um só autor: é o que assina em diversos lugares e em diferentes línguas com o nome de Fr. Pedro. Este afirma-se discípulo do seu confrade e homónimo Fr. Pedro de Figueiró, de quem é grande admirador. Admira igualmente Manuel do Campo a quem não regateia elogios, mas também este não deve ter escrito nada aqui.

FR. PEDRO DE FIGUEIRÓ é figura bem conhecida de hebraísta do séc. XVI. Não admira por isso que alguém lhe atribuisse esta obra onde não faltam textos hebraicos. Dele nos falam diversos autores, dando várias informações: natural de Figueiró dos Vinhos; filho de João de Faria e Isabel da Fonseca; recebeu o hábito de

religioso nos Cónegos Regrantes de St. Agostinho em 1543. Tendo-se dedicado ao estudo das línguas orientais, foi sobretudo no hebraico que mais se distinguiu, merecendo ser apelidado de «Hebreu». Doutourou-se em Teologia e notabilizou-se pelos seus conhecimentos de Bíblia, de tal modo que o Bispo de Coimbra, Fr. João Soares lhe teria chamado o «Jerónimo dos nossos dias». Faleceu em 1592. Estas e outras informações nos dá Diogo Barbosa Machado<sup>1</sup> e outros<sup>2</sup>.

Notemos que isto coincide com o que encontramos neste nosso manuscrito, em diversas passagens. Assim, por exemplo, no fol. 57, a pessoa que aí escreve e assina com o nome de Fr. Pedro diz ter aprendido hebraico e grego do «seu preceptor D. Pedro o qual pela sua grandíssima sabedoria era cognominado o hebreu. Era também muito douto na Sagrada doutrina, grandíssimo filósofo, grego e hebraico, cuja língua hebraica aprendera de Emôncio Roseto, de França. Este D. Pedro era natural de Figueiró dos Vinhos, Cónego regrente de St. Agostinho».

MANUEL DO CAMPO é figura menos conhecida. O que pessoalmente sabemos vem-nos deste manuscrito, concretamente das palavras elogiosas de Fr. Pedro, ao referir-se com gratidão a esse seu prestigioso mestre (fol. 2-4). É daí que nós aprendemos o seguinte: Manuel do Campo nasceu no lugar de Eira Pedrinha, junto de Farinha Podre<sup>3</sup>. Era conhecedor do Hebraico, tendo traduzido para Latim a obra intitulada סֵפֶר מִכְלֹל (Sêfer Miclöl), o que nós traduziríamos por «Livro de perfeição». Conhecia o caldeu, o grego e talvez a língua dos mouros. Viveu em Roma onde era apreciado pelo seu saber e onde gozava da amizade do Papa Leão<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Diogo BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Tomo III, Coimbra, 1965, 579-580. Aí se apresenta uma boa lista de obras de diversos autores, onde se fala com apreço de Fr. Pedro de Figueiró.

<sup>2</sup> Citam-se por exemplo: A. RIBEIRO DOS SANTOS, *Da literatura Sagrada dos Judeus portugueses no Séc. XVI*, in «Memórias da Literatura Portuguesa», Vol. II, Lisboa, 1972, 355-356; M. AUGUSTO RODRIGUES, *Gramática elementar de Hebraico*, Coimbra, 1967, p. IX. Também a Enciclopédia Portuguesa e Brasileira lhe dedica alguma atenção.

<sup>3</sup> Não sabemos se Eira Pedrinha corresponde à actual povoação que tem esse nome, perto de Condeixa. A razão da dúvida é que Farinha Podre que nos é dada como referência parece não se dever situar na região de Condeixa, a avaliar pela informação da Enciclopédia Luso Brasileira. Aí se diz que foi um antigo concelho do distrito de Coimbra, extinto em 31-XII-1835. Ainda hoje existe a freguesia de S. Paio de Farinha Podre, concelho de Penacova. Escrevemos ao pároco dessa freguesia a solicitar alguns esclarecimentos sobre isto e mais especificamente sobre Manuel do Campo. Gentilmente respondeu, o que agradecemos, confessando não poder ajudar-nos neste ponto por desconhecer o assunto.

<sup>4</sup> Trata-se naturalmente de Leão X, que foi Papa desde 1513 a 1521. Sabemos como esse pontífice se fez rodear de artistas, cientistas e humanistas. Estaria Manuel do Campo em

Faleceu nessa cidade a 25 de Abril (ou 25 de Fevereiro, fol. 1v) desse mesmo ano.

FR. PEDRO, o autor da obra, é personagem diferente dos dois anteriores. Não admira que tenha sido confundido com Fr. Pedro de Figueiró pelas suas afinidades de conhecimentos com ele, como já notámos, por terem o mesmo nome e por terem sido contemporaneos. Efectivamente boa parte deste manuscrito, senão mesmo na sua totalidade, é de 1584-1585, como se verá a seguir, data em que ainda vivia o famoso «hebreu». Fr. Pedro não nos dá a conhecer muito da sua pessoa. Fala-nos da fraternidade espiritual com os religiosos de St. Agostinho, ordem a que ele pertencia. Recorda com gratidão os seus mestres D. Pedro de Figueiró e Manuel do Campo, mas supomos que não terá mantido contactos pessoais com este último, falecido em Roma, como se disse, em 1517. Dá algumas informações quanto à data em que escreve, 1584-1585, e quanto ao modo como aprendeu algumas das línguas que usa nesta obra. Gosta de assinar em grego, hebraico, aramaico, siríaco, etíope e árabe com uma fórmula deste teor: «eu irmão Pedro fiz isto». De pouco mais nos informa. É certo que no fol. 85 faz uma composição em hebraico, a propósito de «dois homens», um chamado Manuel e outro Pedro. Parece-nos que este último será ele próprio, mas o que substancialmente aí afirma é que conhecia as línguas já indicadas, acrescentando-lhes ainda o francês.

Apenas, no proémio à gramática árabe, encontramos uma frase de carácter mais explícito quanto à sua naturalidade: «Ani râhib pedro, guatân miâl Torrôm aziêd Taiûlâ halâç hêde aïilm Aârabi. le frere pierre naturel duTourour de Alenteiêux fáicte c'est art des môleurs» (sic, fol. 168v). Infelizmente nem este árabe que ele próprio assim transcreve, nem este «seu» francês nos esclarecem bem quanto à terra da sua naturalidade. De momento, interessam-nos principalmente a obra que aqui nos deixou, sem entretanto desprezarmos outras informações que irão surgindo aqui e além.

---

Roma entre esses? Sabemos por outro lado como Leão X manteve estreitas relações com D. Manuel I, rei de Portugal. Recorde-se a propósito: a concessão das terras descobertas, a criação da diocese do Funchal, o cardinalato ao infante D. Afonso, apenas com oito anos de idade, a elevação à dignidade episcopal do filho do rei do Congo, etc. Atendendo a tudo isto, será permitido supor que Manuel do Campo desempenharia (também ou só) alguma actividade de carácter diplomático?

## Os primeiros fólhos

No fol. 1v aparece uma versão para latim, «*translatio ex graeca lingua in latinam*», que ali deixou um anónimo. Trata-se dum resumo de quanto escreveu Fr. Pedro no fólho seguinte (fol. 2). Começa com um título em hebraico: «hino de louvor a Manuel, homem inteligente que foi escritor. O Senhor esteja contigo». O texto começa com a transcrição em caracteres hebraicos do nome «Manuel do Campo», prosseguindo em grego: «o homem de boa linhagem e muito sábio em hebraico...» As palavras gregas que seguem é que nos dão parte das informações sobre Manuel do Campo, que acima apresentámos. Ao fundo escreveu «Pedro» em caracteres etíopes. No fol. 3 e 3v surge um texto latino com repetidos louvores ao mesmo homem a quem Fr. Pedro apelida de «*nobilissime et sapientissime*». Para se avaliar do exagero de linguagem, basta atender a esta frase: «*profecto sane profecto, memoria tui fuit et est nunc scientia mea; o virum quem perspicio mihi principem, et ad suscipiendam rerum rationem extitisse*» (sic, fol. 3)<sup>5</sup>. Para finalizar, deixa em grego, hebraico, siríaco e árabe, a fórmula de assinatura: «eu irmão Pedro fiz isto», e escreve ainda as letras do alfabeto siríaco e as correspondentes do alfabeto hebraico.

O Fol. 4 contém uma pequena composição de 11 linhas em grego, seguindo-se uma outra de 9 linhas em hebraico, mas em tipo de letra quase cursiva. O conteúdo dos dois textos é idêntico. Trata-se sempre de tecer elogios a Manuel do Campo, cujo nome transcreve em caracteres hebraicos no meio do texto grego. Ao fundo aparece-nos o alfabeto hebraico em tipo de letra quadrada e outro de tendência cursiva, de leitura mais difícil. Uma nota marginal a todo o comprimento da folha fornece ainda informações de algum interesse. Ei-la textualmente: «*Vir iste Emmanuel do Campo natus fuit in loco quondam nomine Heira Pedrinha, junto de Farinha Podre. Et erat valde dilectus et acceptus a papa Leone, cum quo Roma habitabat. Post autem mortem suam (qua fuit die 25 mensis Aprilis, anno 1517) libri ex Roma allati fuerunt parenti suo qui pro tunc erat em heira pedrinha, ubi omnes libri empti fuerunt ab episcopo reformatore nostro (nomine frater Blasius ex ordine d. Hieronimi, quem Joannes tertius nomine, portugalía*

<sup>5</sup> Uma tradução literal é impossível, mas entende-se o sentido: «sem dúvida que a minha ciência é agora e foi uma recordação de ti próprio, ó varão a quem considero príncipe e razão de ser da minha vida».

rex iussit reformare monasterium s.+ ) Fueruntque repositi libri omnes in bibliotheca s.+ ubi nunc stant anno salutis Dni. 1585. Haec quae ego אהרן כהן (irmão Pedro) hic scripsi, mihi dixit pater reverendissimus D. Georgius semel noster generalis, multotiesque prior in multis monasteriis congregationis sanctae crucis: quae omnia mihi certificavit, non aliter, quam puod ipsemet prae oculis haec videret».

Julgamos não haver dificuldade em compreender esta linguagem. No entanto damos a tradução em nota <sup>6</sup>. Devemos observar ainda que, no fólho seguinte, diz novamente ter recebido estas informações do superior D. Jorge, exprimindo-se em hebraico e em grego.

Termina esta secção inicial de carácter informativo com o que designa por «Epitaphium». Trata-se duma dupla composição latina em que se nota uma certa preocupação poética e um certo maneirismo. Não revela nisto grande profundidade de pensamento nem riqueza de imaginação. Eis a ideia dominante: «Não é caso para chorar, mas para exultar pelo espírito brilhante de Manuel do Campo, rara glória do Lácio».

Apesar dos descontos que tenhamos de fazer nestas suas apreciações altamente elogiosas, deveremos admitir que Manuel do Campo terá sido certamente figura de destaque. Custa-nos mesmo a crer que tenha vivido apenas dezoito anos, apesar de isso se afirmar no «epitáfio»: «octo deinde decem bene vix compleverat annos quando mors inopina tulit» (sic) e ainda «annos cum tantum vixerit octo decim» (fol. 4v). Referir-se-á a 18 anos passados em Roma?

Lamentamos nada termos encontrado em Roma sobre (ou de) Manuel do Campo apesar de procurarmos em bibliotecas e arquivos. O facto de ele saber caldeu, nome com que Fr. Pedro designa a língua etíope, permite-nos supor que o teria aprendido na escola que os Abissínios tinham nessa altura no Vaticano, precisamente no Hospício de St. Estêvão, mas não conseguimos comprovar tal suposição.

---

<sup>6</sup> «Este homem, Manuel do Campo, nasceu num certo lugar que tem o nome de Eira Pedrinha, junto de Farinha Podre. Era muito amado e aceite pelo Papa Leão, com quem vivia em Roma. Porém, depois da sua morte (que foi a 25 do mês de Abril de 1571) os livros foram trazidos de Roma para o seu pai que, ao tempo, ainda estava em Eira Pedrinha, onde todos esses livros foram comprados pelo nosso bispo reformador (de nome Fr. Brás da ordem de S. Jerónimo, a quem João III rei de Portugal mandou reformar o mosteiro de Santa Cruz. Foram todos esses livros colocados na biblioteca de Santa Cruz onde estão agora, ano da salvação do Senhor 1585. Estas coisas que eu, irmão Pedro aqui escrevi disse-mas o reverendíssimo padre D. Jorge que foi uma vez nosso geral, e muitas vezes prior em muitos mosteiros de congregação de Santa Cruz. Todas estas coisas que ele me certificou conheceu-as pelos seus próprios olhos e não de qualquer outro modo».

## Secção etíope

Desde Fol. 5 a 64 encontramos Fr. Pedro entretido com a língua etiópica. Começa com o Evangelho de S. João: «Kedamihu kal we'êtu, we'êtu kal habe êg'hi abêhier we'êtu...», «No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus...» Reproduz este Evangelho integralmente, terminando em Fol. 35v.

Deverá ter copiado o texto dum códice do séc. 14. Pelo menos assim parece. Na verdade o desenho da letra «mem» é característico desses códices, embora seja verdade que o desenho da letra «lo» faz pensar também em códices do princípio do século 15. A primeira letra, que é um «Qof», destacada das outras e em forma capital manifesta um gosto ornamental de certas iluminuras de textos ocidentais que não se usava em textos etíopes.

De Fol. 37 a 54, temos sem qualquer interrupção novo texto etíope. É o Apocalipse de S. João. No fim diz mesmo: «aqui termina o Apocalipse de João, daquele que viu durante a sua vida. Tende compaixão de mim e abençoai-me, que sou vosso servo, ó pai. Amen».

No Fol. 56 e 56v encontra-se o cântico de Moisés, extraído de Ex. 15, 1-29. Fr. Pedro deixou algumas palavras hebraicas na margem para esclarecimento do texto etíope. A mesma língua volta a aparecer de Fol. 62 a 64. Encontra-se aí parte do Cântico dos Cânticos. Começando pelo início desse livro bíblico, termina nas primeiras palavras do cap. 3.º. O título está escrito em letras capitais: «mehlaeie mehalei zeweêtu ze Selomon», o que quer dizer «Cântico dos Cânticos de Salomão». Segue o mesmo título em hebraico, na forma completa «Shir hashirim le Shelomôa» e em grego, de forma mais reduzida «Asma asmátôn» (= Cântico dos Cânticos). Em vez de escrever a sua assinatura no fim, como costuma fazer, colocou-a logo no princípio, em grego: «eu irmão Pedro fiz isto». Podem ler-se nas entrelinhas do texto etíope as palavras latinas correspondentes e bem assim, na margem, algumas hebraicas. É de notar que na continuação do texto, as palavras latinas e hebraicas vão diminuindo, até desaparecerem completamente.

### *Anotações sobre história e gramática*

O autor, para nos situar perante esta língua, deixou-nos algumas considerações de certo interesse. No Fol. 36 e 36v, precisamente ao terminar o Evangelho de S. João, dirige-se ao «piíssimo leitor»

para lhe dizer que existem vinte povos na zona Equinocial, sob o Zodíaco. Aí está a Etiópia. Usam línguas diferentes, mas, nas coisas sagradas, empregam esta língua «caldeia». Recorda, a figura do Preste João e reproduz certas informações de carácter histórico que obteve da leitura da Crónica de D. Afonso Henriques, escrita por Duarte Galvão, «que estava em o cartorio de S.+».

De Fol. 57 a 60v deixou-nos uma rudimentar gramática etíope. Começa por um proémio em Latim, onde se justifica da sua ousadia em escrever nesta língua. Diz a propósito que «todos os homens têm o desejo de conhecer», citando em grego a frase πάντες ἄνθρωποι, τὸ εἰδέναι ὀρέγονται φύσει (sic)... Assim também eu tive este apetite». Pede desculpa das imperfeições, pois estudou sem mestre, servindo-se dum saltério davídico escrito em «verdadeiro caldeu». Mais informa que esse saltério, que encontrara na Biblioteca de St. Cruz em 1584, possuía um certo «Arfaxate» e «silabário».

A pequena gramática que apresenta é de facto limitadíssima: Apresenta o alfabeto e é aqui que ele demora. Recorda que tem 26 letras, compara-as com as do alfabeto hebraico e siríaco. Dá regras quanto às aspiradas, quanto às letras duplas, quanto à semelhança no desenho de algumas letras, etc.. Faz ainda observações quanto a sílabas longas, quanto à pontuação e ensina a maneira de contar em etíope. Nada mais diz doutros capítulos importantes da gramática.

Notemos que esta língua, sendo basicamente semítica, difere das outras representadas neste manuscrito (hebraico, aramaico, árabe e siríaco) no modo de se escrever. Esta escreve-se da esquerda para a direita. Permitia entretanto ao nosso autor fazer certas comparações elucidativas com essas línguas.

### *Conheceria bem a língua etíope?*

Julgamos que os seus conhecimentos neste ponto não seriam grandes. Além da pobreza da gramática, temos outro motivo para assim pensarmos. É que, na lista das fórmulas de assinatura, onde escreve «eu irmão Pedro fiz isto», emprega diversas línguas mas não sabe utilizar esta. Quando o faz, serve-se apenas de letras etíopes para escrever palavras hebraicas: «ani assiti zê». Noutros casos, apenas escreve com esses caracteres a palavra «Pedro».



Como copista, temos de afirmar que tem uma caligrafia correcta e de ducro fácil. Nalguns casos, é mesmo elegante, como por exemplo no princípio do Evangelho de S. João. Noutros casos, é mais imperfeita, como no Cântico dos Cânticos, onde manifesta uma propensão para um tipo de letra ao gosto cuneiforme que não é próprio da caligrafia dos etíopes.

Quanto aos textos bíblicos que nos deixou, digamos também uma palavra. Têm particular valor o Evangelho e o Apocalipse de S. João pelo facto de estarem completos. Ao fazer-se uma comparação com o texto preferido pelas modernas Bíblias etíopes, verifica-se que há divergências que serão de atribuir não tanto ao copista como ao códice de que se serviu. De que códice se trata? Qual a sua família? Não o sabemos ainda. Por esta razão de crítica textual e história da transmissão do texto, pode ser esta secção etíope a mais importante do nosso manuscrito<sup>7</sup>.

## Grego

Neste manuscrito, que é certamente bastante desordenado na disposição das matérias, como estamos a ver, o grego aparece em diversos lugares: em frases esparsas aqui e acolá, no meio de textos latinos ou hebraicos, e em unidades mais homogêneas e só em grego.

Escolhemos para nossa apreciação dois exemplos mais característicos e de género literário diferente. Começamos pelo género epistolar. No fol. 81 e 81v, aparece a primeira carta de que alguém escreveu uma versão latina no fólio anterior. O texto é precedido duma introdução, também em grego, onde se diz: «a carta que eu irmão Pedro escrevi ao meu irmão, fraternidade que existe na santa regra do nosso pai Agostinho». A importância do seu conteúdo não é grande: dirige-se ao irmão muito amado, dizendo que tal fraternidade lhe vem da religião, insiste nos seus poucos méritos para fazer parte daquela família religiosa de St. Agostinho e professa o seu grande amor aos irmãos... Assina no fim o seu nome.

---

<sup>7</sup> Boa parte das apreciações que aqui deixamos sobre esta secção etíope do manuscrito devemos-las ao P. Samuel Asghedom, S. O. Cist., Reitor do Pontifício Seminário Etíópico em Roma, a quem reafirmamos a nossa gratidão. Sentiu regozijo ao ter conhecimento deste manuscrito e deu notícia da sua existência, como nos prometeu, em comunicação apresentada no Congresso de estudos etíopes, realizado de 10 a 15 de Abril de 1972, na Academia Nacional dos Linceus, em Roma.

Outra carta mais pequena aparece no fol. 82. Eis a versão portuguesa que lhe podemos dar: «Outra carta. Faço isto meus irmãos para vos mostrar que a minha tutela não provém de nenhum outro motivo que não seja o amor de irmão que tenho para convosco. Tal é a minha fraternidade e o sangue, o amor e a educação que eu tive como o de irmão, o qual foi nutrido de vós. Por esta razão, dou graças a Deus agora e sempre por todos vós».

Como se vê, também esta epístola não tem especial valor quanto ao seu conteúdo. O pensamento do autor move-se apenas nos estreitos horizontes do convento, ao fazer estas composições literárias. Sem qualquer criatividade neste ponto, faz um exercício de grego, glosando o tema da fraternidade espiritual entre os membros da comunidade religiosa.

O outro exemplo de composição grega é o que Fr. Pedro chama «o problema» e que é de facto uma pequena dissertação de índole filosófico-teológica. Para avaliarmos do seu conteúdo, traduzimos o fólio 83 e 83v:

«O *PROBLEMA* — De que modo se pode juntar algo de estranho a uma coisa sobre a sua natureza.

#### *A conclusão A*

Se existe Deus e é uma pessoa (hipóstase), esta pessoa, aceitando a união entre matéria e espírito, é pessoa idêntica à sua substância.

#### *A conclusão B*

Deus é aquele que se encontra acima de todos os seres e exprime-se de modo simples, sapientemente.

#### *A conclusão Γ*

Esta qualquer coisa não é nada de positivo, porque é claro que junta a negação ao sobrenatural, ainda que fosse permitido pensar juntar a energia...<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Neste, como noutros casos, a tradução literal é quase impossível, principalmente por causa da construção sintática da frase.

A conclusão *A* leva consigo a 4 propostas. A primeira é a seguinte: que Deus existe. Essa proposta nem está em S. Tomás nem em nós, pois é da fé, como está escrito no capítulo 17 do Génesis, em hebraico: O Senhor apareceu a Abraão e disse-lhe: eu Sou o Todo Poderoso<sup>9</sup> e no capítulo 11 de João. De facto «nós te damos graças Senhor nosso Deus omnipotente, a ti que és e que eras e que hás-de vir»<sup>10</sup>. Portanto, desta frase «Deus existe», conclui-se que é preciso procurar amá-lo e oferecer-lhe qualquer coisa. As razões são estas: Deus é o (primeiro) ser, a (primeira) causa, o (primeiro) movente, o (primeiro) movimento, o (primeiro) governador<sup>11</sup>. Dele é permitido constatar imediatamente as disposições interiores.

*B* — A segunda conclusão que Deus é uma pessoa incorpórea, é coisa da fé, como disse Jeremias: por ventura não encho eu o céu e a terra? — diz o Senhor<sup>12</sup>.

Porque é impossível a um corpo estar em toda a parte, então Deus é incorpóreo».

### *Apreciação crítica*

Comparando esta composição literária com a precedente, que era de género epistolar, verificamos certamente diferenças não só no seu conteúdo mas também no vocabulário usado. O autor serviu-se, como é natural, dos termos técnicos que a matéria exigia, como se nota sobretudo na composição filosófico-teológica. Exemplifiquemos com: πρόβλημα = problema; συμπέρασμα = conclusão; ὑπόστασις = hipóstase (pessoa); φύσις = natureza; ἀποφίημι = decidir, que é o verbo próprio do juiz que *decide* e dirige a contenda. Há mesmo certa beleza no título: πόθεν = de que modo; ὑπόθετον = qualquer coisa, etc..

Quanto à gramática, poderia desejar-se por vezes coisa diferente, tanto na fonética (o problema dos espíritos e dos acentos),

<sup>9</sup> A citação de Gn. 17,1 é feita em hebraico. Corresponde ao texto da actual edição crítica de R. Kittel, faltando apenas, após a primeira palavra o nome de Javé. Também a vocalização massorética lhe corresponde substancialmente.

<sup>10</sup> Cita o Apocalipse 11,17. Notemos que esta leitura não corresponde aos melhores códices onde falta a última parte «e que hás-de vir».

<sup>11</sup> Nota-se aqui evidentemente a influência de S. Tomás de Aquino. Já antes se havia referido a ele.

<sup>12</sup> Como habitualmente acontece, ao fazer as citações bíblicas, não nos diz qual é o capítulo e o versículo. Esta é de Jer. 23, 24.

como na morfologia e na sintaxe, o que por vezes impossibilita uma tradução literal, embora se entenda habitualmente o sentido. Exemplos: na conclusão B, a palavra *στάκει* deverá corresponder a *στέκει* = está; *γνώσις* supomos que será em vez de *γνώσεως*, usado como advérbio a significar «sapientemente». Na conclusão Γ, lê-se na primeira linha *θετικῶς* onde se deveria esperar *θέτικον*, forma de substantivo neutro.

Nas cartas e em frases esparsas, que se encontram por vezes no meio de textos noutras línguas, seremos capazes de constatar incorreções gramaticais, mas notemos que nalguns casos são plebeísmos e formas próprias do tempo. Aqui apontamos só algumas dessas formas que parecem mais estranhas. Começamos pela pequena carta do fol. 82, que acima traduzimos:

na 2.<sup>a</sup> linha, lê-se *πολλῷ*; esperaríamos *πολὺ*, só com um λ

» 3. <sup>a</sup>	»	»	οὐκ	»	οὐκ sem o acento
» 3. <sup>a</sup>	»	»	ὑπερ	»	ὑπὲρ com acento
» 4. <sup>a</sup>	»	»	ἐκ τῆς	»	ἐκ τῆς acento circunflexo
» 4. <sup>a</sup>	»	»	μέτα	»	μετὰ acento grave na última sílaba

na 5.<sup>a</sup> linha lê-se *ὁ ἔροστε*; esperaríamos *ἔρως*

» 6. <sup>a</sup>	»	»	ἔχεςκον	»	ἔχον, pois não existe tal forma de aparência incoativa.
-------------------	---	---	---------	---	---

na 7.<sup>a</sup> linha, lê-se *τροφῆεις*; esperaríamos *τροφεῖς*

» 8. <sup>a</sup>	»	»	νύνι	»	νυνὶ com acento grave na última sílaba.
-------------------	---	---	------	---	---

Outras observações semelhantes se poderiam fazer ainda acerca doutros textos gregos deste manuscrito. Exemplos: o uso de certas formas verbais arcaicas como *ἦχα* ou *εἶχα* forma popular em vez de *εἶχον* (= tive); *δέδρακα* forma que parece um pouco bárbara, mas da época, que nós traduzimos por «escrevi» ou «realizei». Lê-se na fórmula habitual de assinatura *ἐγὼ ἀδελφος πέτρος δέδρακα τὸδε* (= eu irmão Pedro escrevi (ou realizei) isto). Notemos que a fórmula aparece com estas variantes: em vez de *δέδρακα*, lê-se nalguns casos *γέγραφα* (= escrevi) e noutros *ἐόργα* (= realizei). É fácil constatar-se de vez em quando um certo aportuguesamento do grego, o que é aliás compreensível. Exemplo curioso: *ὁ μὶςμος ἡγεμῶν* (fol. 4v) querendo significar «o mesmo superior» de quem

estava a falar. Digamos entretanto que nem esta coloração portuguesa nem outras deficiências nos permitem negar méritos ao autor.

Logo no princípio do manuscrito, alguém escreveu esta apreciação: «haec graeca scriptura rudes admodum errores tum in loquendo tum in scribendo» (fol. 1v). Nós concordamos. Damos conta da rudez e dos erros, mas devemos reconhecer que o autor possuía um bom conhecimento de vocabulário que lhe permitia expressar-se em grego, ao escrever sobre temas bem diferentes.

## Hebraico

Podemos ler palavras hebraicas muitas vezes neste manuscrito: em fórmulas de assinatura, citações bíblicas e composições livres.

A — Fórmulas de assinatura:

- 1 — אָנוּכִי אַחָה כַּפֶּשׁ עָשִׂיתִי זֹאת (fol. 3v e 59v)
- 2 — אָנוּכִי אַח סָלַע עָשִׂיתִי זֹאת (fol. 173)
- 3 — אָנוּכִי אַחָה סָלַע עָשִׂיתִי זֶה אֲוִמָּנוֹת (fol. 168v)
- 4 — אָנוּכִי אַח סָלַע עָשִׂיתִי כָּל זֹאת (fol. 154)

Note-se que no fol. 154 aparece ainda uma outra assinatura em hebraico, mas em tipo de letra menos quadrada e mais próxima do hebraico rabínico, como supomos.

Nos quatro casos apresentados, a fórmula é fundamentalmente a mesma, tendo apenas ligeiras variantes:

- 1 — «eu irmão *Cefas* fiz isto»
- 2 — «eu irmão *Sela* (= pedra) fiz isto». Aqui, além do nome, encontramos outra divergência no verbo que aparece escrito com dois «iod», mas lê-se אַח (irmão) e não אַחָה
- 3 — «eu irmão *Sela* fiz isto *fielmente*». Neste caso, temos o advérbio «fielmente» que não existe noutros exemplos. No fol. 200, há a mesma fórmula, com excepção do nome que está escrito כַּפֶּ e também em siríaco.
- 4 — «eu irmão *Sela* fiz *tudo* isto». A diferença em relação às anteriores está apenas no «tudo».

É de notar que aparece por vezes no meio de um texto escrito noutra língua a simples assinatura hebraica **אח כפש**.

B — Citações bíblicas em hebraico encontram-se também várias vezes. Assim por exemplo na composição grega que chamámos de índole filosófico-teológica, surgem vários textos hebraicos do Antigo Testamento: do Gn., Ex. e Profetas. Ao falar dos meses na Bíblia (fol. 154-158) socorre-se também de muitos textos do Antigo Testamento. No proémio da gramática árabe, também cita em hebraico Gn. 16, 15.

Comparando tais citações com o texto preferido pela edição crítica de R. Kittel, verificamos que existem divergências principalmente quanto à vocalização, mas não tanto no texto consonântico. Não é para admirar pois bem sabemos como é pouco segura a vocalização hebraica, havendo nesse ponto grande possibilidade de erros.

C — No decurso desta obra, aparecem de vez em quando composições hebraicas mais livres e de género literário diverso.

Logo no fol. 2 aparece esta frase hebraica a servir de título ao texto grego que se segue: **תפילה אל-עמנואל אדם מחוכם האשר היה זה ספר יהוה אתך**. Já lhe fizemos referência, mas agora prestemos um pouco mais de atenção a algumas palavras, colocando-lhe a devida vocalização:

**תפילה** — é a palavra bíblica própria para designar hino, cântico sagrado.

**ספר** — é o escriba, o perito da lei. Aqui significará naturalmente escritor.

**מחוכם** — deve estar por **מחכם** participio do singular masculino, forma hofal do verbo **חכם**. Para dizer «inteligente», poderia dizer simplesmente **חכם**.

Observemos ainda o relativo **אשר** e o demonstrativo **זה** que aparece depois do verbo, construção bem hebraica.

Atendamos ainda a uma outra frase que serve igualmente para introduzir uma composição grega, precisamente aquela de índole filosófica (fol. 83). **תולדות וסגירות אשר אנוכי אח סלע גנתי. בשנה האלהינו יהושוע אל תדפה.**

**תולדות** — supomos que o autor usa esta palavra com um significado que diríamos mais amplo do que tem na Bíblia. Aí a palavra significa «gerações», aqui talvez deva traduzir-se por «princípios».

**סגירות** — deve ser um plural de **סגירה** da raiz **סגר** = «fechar».

O significado é pois este: «conclusões».

**ננתי** — é a 1.<sup>a</sup> pessoa do perfeito do verbo **ננן** que tem o significado de «coligir». É de registar-se o uso correcto desta forma verbal, menos fácil.

**אלפכפה** — esta maneira de escrever a data é que apresenta dificuldade.

Estranhámos a letra **ך** (kaf) que tem o valor numérico de 20. Uma vez que não há dúvidas quanto a «mil» e quanto a «oitenta e cinco» e conhecendo nós a data por outras passagens deste manuscrito, supomos que aqui se trata do ano 1585.

Observemos ainda que escreve o nome em siríaco e em hebraico. A tradução da frase deve ser esta: «Princípios e conclusões que eu irmão Pedro coligi no ano de Nosso Senhor Jesus de 1585».

Um texto maior em hebraico é o de Fol 85.

Nem sempre é possível uma tradução literal. Aquela que a seguir propomos deve corresponder substancialmente ao pensamento e intenção do autor:

«Existiram dois homens um dos quais chamado Manuel e outro chamado Pedro (Sela). Na língua siríaca, Pedro diz-se Cefas. Na verdade, o homem chamado Manuel era varão muito culto nas coisas judaicas e muito culto em grego, no caldeu e na língua italiana. Pedro era perito na língua grega, na língua judaica, nas coisas siríacas, caldeias, árabes e francesas. Manuel e Pedro, eles os dois eram homens... (?). ...?Manuel era de família nobre e também Pedro era de família nobre. Não existe como eles em inteligência. Manuel significa Deus connosco. Por isso tem inteligência e era um tesouro e um armazém de sabedoria. Também Pedro era um armazém. Tem inteligência porque era firmamento e tesouro de tudo o que adquiriu. É que Pedro possuía inteligência. Eu irmão Pedro realizei isto. Pedro».

### Observações

Omitimos, como sugerem as reticências, umas palavras de tradução enigmática. Nalguns casos, aquela que propusemos é um pouco livre, para nos aproximarmos de português inteligível.

O hebraico manifesta deficiências e incorreções gramaticais de ordem morfológica e sintática. Exemplifiquemos: **אִישִׁים** aparece como plural de **אִישׁ** em vez de **אֲנָשִׁים**.

Não é correcta a construção hebraica **הָאִשֶּׁר אֶחָד אָמַר** para significar «um dos quais se chama» ou «chamado». Não é muito de aceitar este uso do relativo, nem o verbo **אָמַר** nesta forma kal tem esse significado. Notemos que estes são «erros» repetidos.

Na linha 3.<sup>a</sup>, observa-se como o autor tem gosto em escrever de três maneiras o nome «Pedro»: em hebraico, aramaico e siríaco.

Na 4.<sup>a</sup> linha escreve **קָרָא** certamente a significar «é chamado».

Ora a palavra com esta vocalização só poderia ser imperativo, sing. masc., forma Kal.

Na 5.<sup>a</sup> linha aparece **מֵאֵד חָכֵם** que é impossível. Deveria ser **חָכֵם מֵאֵד**. É erro que também se repete.

Registe-se entretanto a maneira curiosa de dizer «em grego» = **בְּדִבְרֵי יוֹן** e «em língua italiana» = **בְּלִשְׁנָה הָאִתָּלָא**. É bonita e poética a palavra **אִמְרָא** do verbo **אָמַר** para significar «palavra», o «dizer».

Estas observações bastam-nos para podermos avaliar o hebraico deste manuscrito. Não é rico em vocabulário e tem deficiências de ordem gramatical. No entanto consegue entender-se geralmente o pensamento do autor. Apesar das naturais limitações, ele teve o mérito de se servir deste idioma como coisa viva e não apenas como língua do passado.

É de notar que não nos deixou nenhuma gramática de hebraico, mas, ao escrever a gramática de árabe e as rudimentaríssimas gramáticas de etíope e de siríaco, estabelece frequentes comparações com a



língua hebraica, como se fosse mais conhecida e pudesse servir de padrão. E nisso tinha razão, pois o hebraico era mais conhecido dele e doutros<sup>13</sup>.

### Aramaico

A língua aramaica está representada unicamente em fórmulas de assinatura. Aparece em:

Fol. 57v **אנא עבדית הדא אחא כפ** que se traduz literalmente assim: «eu realizei isto, irmão Pedro».

Fol. 60v **אנא אחא כפ וסלע חבדית ועשיתי הדא**. Traduzindo literalmente obtemos: «eu irmão Pedro (Cefas) ou Sela realizei e fiz isto». Como se vê, a frase é mais completa e está em ordem mais directa.

Fol. 85 e 173 **אנא אחא כפ עבדית הדא**.

Em português: «eu irmão Pedro realizei isto».

Fol. 200 **אנא אחא כפ עבדית זא אומנא**.

Significa: «eu irmão Pedro realizei isto fielmente».

Esta mesma fórmula lê-se ainda em 168v, mas sem a vocalização.

### Apreciação

De todas as línguas usadas neste manuscrito, é de facto esta a menos contemplada. Parece que o autor não a saberia utilizar fora desta frase simples e estereotipada. Não era certamente um perito no assunto, como concluímos desta breve análise:

**אנא** é o pronome pessoal da 1.<sup>a</sup> pessoa, forma antiga em vez de **אנה**.

**אחה** está certamente em vez de **אח**

**עבדית** é forma verbal um pouco estranha. Mais parece hebraico.

Efectivamente a forma kal, perf. 1.<sup>a</sup> pessoa do singular de **עבד** deveria ser **עבדת**.

<sup>13</sup> Bastará recordar a existência de vários manuscritos hebraicos anteriores a este, em Portugal. Cfr. por exemplo GABRIELLE SED-RAJNA, *Manuscrits Hébreux de Lishonne (un atelier de copistes du XV<sup>e</sup> siècle)*, Paris, 1970.



medial ou final. O nosso autor nem sempre atendeu a isso. As letras que usa, quanto ao seu desenho, são de tipo caldeu ou nestoriano, próximo do tipo chamado «estranghelo». Era este o tipo usado na região da Síria oriental a partir do séc. XVI<sup>14</sup>.

### *Noções de gramática*

Desde Fol. 158v a 160v, encontra-se uma rudimentar gramática siríaca. Começa com os nomes dos meses, não esquecendo o mês intercalar. Escreve tais nomes em siríaco e faz a transcrição em caracteres latinos. Dentro daquilo que é especificamente gramatical, dá-nos algumas regras quanto às seguintes letras: he, vau, iud, coph, lomad, mim, nun. (Respeitámos o nome que dá às letras).

Faz observações também quanto aos sinais vocálicos, apondo a existência de confusões entre o modo antigo de escrever e a maneira moderna e, a propósito, diz com graça: «mas tu *Cefas* (em siríaco) para bem escreveres esta língua siríaca, deves fazer como fizeram os antigos. Sê mesmo o melhor de todos» (?).

Certamente que ele não tinha a pretensão de ser o melhor neste ponto, nem desejou mesmo escrever uma gramática completa. No fundo do Fol. 159, diz-nos que não teve tal intenção e informa-nos donde tirou estas notas: «somente anotei neste lugar o modo de escrever pelo qual alguém pode escrever alguma coisa. Quanto ao resto, pode ver-se na Bíblia Régia que por pouco tempo tive diante de mim. Por isso não pude anotar muitas coisas a partir dela»<sup>15</sup>.

Não vamos publicar agora de forma integral estes rudimentos de gramática siríaca, que têm sem dúvida algum mérito, apesar das naturais limitações.

### **Árabe**

A secção árabe merece estudo atento e demorado pois ocupa uma parte considerável do nosso manuscrito. Além da vulgar fórmula de assinatura que se lê em Fol. 3v, 60v e 154, em tudo

<sup>14</sup> L. COSTAZ, *Grammaire Syriacque*, Beyrouth, 1955,3.

<sup>15</sup> É conhecida por «Bíblia Régia» a Bíblia Poliglota de Ambères, publicada em Ambères entre 1569-1572, sob o patrocínio de Filipe II de Espanha (régia) e sob a direcção de B. Arias Montano.

semelhante às outras, existe ainda um pequeno texto nesta língua no Fol. 82. Mas a grande secção árabe ocupa toda a parte final. Vai desde Fol. 164 até 239v, estando em branco apenas 12 fólios de um e outro lado. Consta duma gramática, Fol. 164-200 e de um longo texto árabe, Fol. 224v-239v.

### *Proémio*

Para situar o leitor perante a gramática e textos árabes, Fr. Pedro deixou um desenvolvido «proémio», προέμιον que vai desde Fol. 164 a 168v. Escreve em latim, língua que usa igualmente na gramática.

Começa por falar da criação do mundo, segundo a Bíblia, para chegar à eleição de Abraão (Gn. 16, 15) e ao nascimento de Ismael. É que deste vêm «os ímpios sarracenos e Turcos». Só depois de falar de Maomé, em tom pouco elogioso, é que começa a referir-se à língua árabe. Mesmo neste proémio encontra ensejo para recordar com gratidão o seu preceptor D. Pedro, o «hebreu», apesar de não lhe ficar a dever a aprendizagem desta língua, como informa claramente. Eis o que ele diz: «Eu irmão Pedro fiz isto como proémio, por curiosidade do amantíssimo leitor da arte arábica que vem a seguir, a qual eu próprio, sem preceptor fiz e aprendi por uma certa arte castelhana, a qual arte castelhana não declara bem tudo e segue uma ordem muito confusa. Não explica todas as vogais ou sílabas, nem escreve as letras do alfabeto pela ordem taxativa, mas simplesmente escreve as letras do alfabeto, de tal modo que, se alguém quisesse escrever facilmente esta língua, não pode. Eu porém ocupei-me muito disto e trabalhei muito conforme as minhas forças não só nestas coisas mas também na boa ordem. Confesso que me dediquei durante cinco ou seis meses a aprender por esta arte castelhana, sobretudo na escritura, com muitos erros. Contudo aquilo que sei aprendi-o por essa arte. Parecia muito douto em árabe esse varão que fez a arte em castelhano, simultaneamente com um vocabulário pelo qual alguém podia aprender a língua árabe».

Depois desta explicação a finalizar o prólogo, pouco mais lhe restou do que escrever em diversas línguas as suas habituais fórmulas de assinatura.

*Gramática*

Para avaliarmos do interesse desta gramática do século XVI, bastará de momento sistematizar uma espécie de índice analítico da mesma que vamos apresentar. O autor divide-a em duas partes: «In prima tota continetur ratio legendi; in secunda, ratio declinandi et coniugandi».

*I Parte*

Distingue três questões no alfabeto: 1 — a força ou poder das letras e correspondência árabe-latim; 2 — as próprias letras; 3 — os nomes próprios das letras do alfabeto.

Dentre as muitas coisas para as quais chama a atenção, exemplificamos com o seguinte: aponta a falta das vogais; semelhanças com o hebraico e siríaco; maneira de pronunciar determinadas letras e sílabas; diferença de letras no início e fim das palavras.

É de notar que os nomes atribuídos às letras nem sempre coincidem com os que lhe atribuem as gramáticas modernas.

*II Parte*

Segue, como afirma, «a ordem dos gregos», juntamente com algumas coisas em que os mouros coincidem com os hebreus, com os caldeus e com os sírios. «Assim como no grego há oito partes da oração, assim também no árabe: nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção». Sendo mais importante o nome e o verbo, é aí que demora mais. Ordena a matéria em parágrafos distintos como segue:

*I Nome:*

- Género dos nomes árabes
- Espécie de nomes (primitivos e derivados)
- Número dos nomes (singular, plural e dual)
- Figura dos nomes (simples e compostos)
- Caso dos nomes. A este propósito é de notar que ele refere o nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo, tal como no latim, ao passo que as gramáticas modernas falam apenas

do nominativo, caso oblíquo (genitivo) e caso recto (acusativo).  
— Declinação dos nomes.

*II Verbo.* Também aqui diz manter a ordem grega:

- Modo (indicativo e conjuntivo)
- Género (activo e passivo)
- Espécie. Para vermos o que trata neste parágrafo, atendamos a um dos seus exemplos: como no grego existe πόλεμος que significa «guerra» e πολεμίζω a significar «guerrear», assim também em árabe «norâh» significa «guerra» e «niharâh» significa guerrear.
- Formação (activa e passiva, singular e plural). Não se esquece de atender às terminações dos verbos e apresenta, a propósito desta matéria, uma lista de verbos irregulares.
- Formação do imperativo
- Pessoa (as pessoas são três, como na nossa língua: «eu, tu, aquele» (sic))
- Tempo (presente e perfeito)
- Conjugação. Distingue a conjugação regular e irregular. Exemplifica a conjugação do presente, perfeito e imperativo com diversos verbos que toma como paradigmas. São verbos que correspondem aos nossos: beber, castigar, amar, ser e ter.

Em seguida, dedica alguma atenção, e também em parágrafos diferentes, aos seguintes assuntos: particípio, pronomes possessivos, preposições, advérbios, conjunções.

A finalizar a gramática, está uma última nota e a assinatura em diversas línguas (Fol. 200).

A seguir à palavra «FINIS» escreve uma frase grega a significar «pelos séculos dos séculos. Amen» e a concluir, novamente em grego: «eu o irmão Pedro tive esta arte de árabe».

### *Texto árabe*

Desde Fol. 224v até 239v encontra-se, como dissemos, um longo texto árabe. O autor começou, por exigência da língua, a escrever a partir do último fôlio em direcção ao princípio. Ficou-se por aqui, deixando ainda fôlios em branco. É uma secção difficilima de interpretar porque a caligrafia é bastante estranha. Nalguns casos, mais parece siríaco e não duvidamos de que algumas palavras estão escritas em caracteres dessa língua. Perante tal escritura, alguns

arabistas chegarão mesmo a perguntar de que língua se trata. Preferimos, por tais motivos, não sugerir por enquanto versão nem outras apreciações.

### *Conclusão*

Por esta descrição e análise sumária, poderemos julgar aproximadamente do valor deste curioso manuscrito português do século XVI. A sua importância reside principalmente em três aspectos: linguístico, bíblico e histórico.

— Além da língua portuguesa e latina, o manuscrito contém: grego, hebraico, aramaico, siríaco e árabe. É certo que o aramaico não está muito representado, mas as outras línguas não aparecem aqui de fugida nem por acaso. O autor não só as usa como até estabelece frequentes comparações entre elas.

Têm particular interesse os textos etíopes e, por outros aspectos, também têm importância os textos árabes e gregos. Quanto às gramáticas que apresenta, etíope, siríaca e árabe, tem particular elevância esta última.

Na apreciação crítica que fomos fazendo, reconhecemos não poucas falhas, mas não devemos perder de vista as circunstâncias de tempo e a penúria de fontes de que o autor podia dispor. Ele mesmo se queixa disso nos seus rudimentos de gramática siríaca. Seria mesmo caso para perguntarmos quem é que, antes dele, havia tentado trabalhos do género em Portugal. Por outro lado, atendamos a estes aspectos positivos: é alguém que se sente capaz de escrever em todas estas línguas e de tentar trabalho de gramática comparada, que é tão apreciado modernamente.

— O autor deve ter cultivado estas línguas pela sua importância bíblica. O próprio árabe e o etíope, mais distantes da Bíblia, aparecem aqui pelas suas relações com o Livro Sagrado, como se vê pelo prómio à secção árabe e pelos mesmos textos etíopes, que são cópias de livros bíblicos. É de facto a cultura bíblica que aparece como substrato de todo o manuscrito. Num estudo mais completo, dar-se-ia ainda conta da metodologia hermenêutica que está patente em diversas passagens, concretamente ao interpretar textos do Génesis e do livro de Ester.

— Quanto a informações de carácter histórico, não nos oferecerá novidades de grande alcance, mas certamente algumas curiosidades de interesse quanto à Etiópia e suas relações com Portugal, quanto aos povos árabes, quanto ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, etc.

Sugere sobretudo pistas de trabalho e oferece elos de ligação para a história do conhecimento das línguas orientais em Portugal.

Estes e outros valores apareceriam em evidência numa publicação integral que o manuscrito merece.

A. A. TAVARES